

Irene Tourinho
Doutora pela
Universidade
de Wisconsin –
Madison (USA);
Professora Titular
da Faculdade
de Artes Visuais
da Universidade
Federal de Goiás
(aposentada) e
docente do
Programa de Pós-
graduação em Arte
e Cultura Visual

Culturas e Práticas do Cotidiano: Metaforizando com Visualidades na Busca de Sentidos do Aprender...Pesquisar...Ensinar

*Cultures and the Practices of Everyday Life:
Metaphorizing with Visualities in
Search of Meanings for Learning...
Researching...Teaching*

Resumo: O texto propõe o uso de imagens como metáforas para alargar reflexões sobre culturas e as práticas do cotidiano do aprender, do pesquisar e do ensinar. Ao usar diferentes imagens de ‘escadas’, ‘janelas e tijolos’ e ‘sombas’ como metáforas aos desafios e incertezas presentes na atuação de um professor, o texto discute o emprego de metáforas visuais como exercício para práticas e cotidianos pedagogicamente impertinentes, atrelados a zonas de liberdade ousadas e, sempre, eticamente íntegras.

Palavras-chave: Atuação docente; práticas do cotidiano; metáforas; visualidades.

Abstract: *The paper proposes the use of images as metaphors which can help develop reflection about cultures and the practices of everyday life concerning learning, researching and teaching. In employing diverse images of ‘ladders’, ‘windows and bricks’, and ‘shadows’ as metaphors for challenges and uncertainties present in the performance of teachers, the text discusses the use of visual metaphors as an exercise with everyday practices that is pedagogically impertinent, linked to audacious freedom zones and which are always straightforward ethically.*

Keywords: *Teaching performance; practices of the everyday; metaphors; visualities.*

INTRODUÇÃO

“Este é um texto revisitado. Além de achar que os assuntos aqui tratados sempre podem ser discutidos e ampliados, minha vontade em retomá-lo também tem a ver com a ideia de Umberto Eco quando diz que, às vezes, a intenção do autor pode ser levar a nos perdermos em seu bosque. Este é o meu convite...”

Levei um tempo para decidir como organizar o que queria compartilhar com os leitores. Este tempo de espera se configurou em tempo de preparação e isto acontece com muitos de nós: enquanto esperamos, preparamos. Relendo notas e relembrando situações de sala de aula decidi pensar em metáforas que pudessem reforçar e alargar algumas reflexões sobre o tema proposto. A partir de metáforas visuais – cotidianas – escrevi estas ideias que apresento a seguir.

UMA IMAGEM PARA ABRIR CAMINHOS...

“Para iniciar, escolhi esta imagem de uma instalação do artista argentino Leandro Erlich (Figura 1) porque ela cria sintonia com meus anseios e motivos para lidar com as culturas e práticas do cotidiano. Chamado de “arquiteto da incerteza”, Erlich cria espaços com delimitações fluídas e instáveis, transgredindo os supostos limites da realidade. O título do trabalho – “Janela e escada: muito tarde para obter ajuda” é já uma metáfora quando sabemos que o artista criou esta instalação logo após o furacão Katrina, ocorrido em New Orleans (EUA) em 2005, destruindo completamente a região metropolitana da cidade.

[1] Este texto, de autoria de Irene Tourinho, foi apresentado como Conferência de Abertura no II Seminário Internacional Ensino da Arte: Culturas e Práticas do Cotidiano, realizado de 14 a 16 de outubro de 2015, na UFPel, em Pelotas, RS. Coordenação do evento: Profa. Dra. Nadia da Cruz Senna, Profa. Dra. Úrsula Rosa da Silva; Profa. Dra. Mirela Meira, Centro de Artes. Organização do evento: Projeto Arte na Escola do Centro de Artes/ Polo UFPel; PPGAV-Mestrado/ UFPel e Faculdade de Educação/UFPel.



Figura 1. (Com exceção das imagens da obra de Leandro Erlich, as demais foram encontradas nos sites indicados nas referências, ao final do texto)

A incerteza, instabilidade e transgressão destacam o plural inserido nas palavras ‘culturas’ e ‘práticas’ que dá nome a este texto. Somos também, enquanto professores, arquitetos de incertezas. Apesar de que nem sempre o óbvio é óbvio, este plural reforça o que já sabemos: não há uma única, correta, definitiva e eficiente prática para aprender, pesquisar ou ensinar qualquer tema, conteúdo ou ação.

Acreditar numa fórmula ‘certeira’ seria aderir-se a uma metolatria – depender, submeter-se, prender-se a uma metodologia ou modo de praticar – atitude que congela a capacidade de explorar, de vagar em busca de caminhos possíveis, provocando desvios e indagações.

Conhecemos a definição básica de dicionário: metodologia é um “caminho pelo qual se atinge um objetivo”, um “modo de proceder, uma maneira de agir”. Pela imagem, posso imaginar que o objetivo é chegar à janela e, sendo assim, procederei subindo as escadas.

Acontece que a janela está aberta para um desconhecido, solta, desgarrada de uma sustentação. Ao mesmo tempo, ela se atrela a uma falsa parede de tijolos, inacabada, que serve de moldura, mas também de ornamento. A imagem como sombra, amplia e desloca a janela, projetando a escada para fora dela, para um vazio incerto. O desenho recortado dos tijolos nas laterais ou a luz do ambiente expositivo – são elementos que se juntam para conferir instabilidade à imagem, como se cada um desses elementos pudesse ser um aspecto do que entendemos como culturas e práticas do cotidiano, ou seja, fragmentos, pedaços que podem, ou não, se complementar com outros.

Essa multiplicidade de elementos me desafiou a buscar metáforas partindo desta imagem. Sigo um roteiro que pretende brincar com ela e tomá-la, não como objeto, mas como agente para detonar outras imagens e ideias. Não há legendas nas imagens. Algumas estão referidas no corpo do texto e outras são mesmo disparadoras de

reflexões e suas indicações no trabalho servem para criar sintonias entre palavras e imagens. Defini, então, de olho na imagem de Leandro Erlich, o seguinte roteiro – metafórico – destacando:

- 1) Escadas...
- 2) Janelas e Tijolos
- 3) Sombras..

IMAGENS COMO METÁFORAS: ESCADAS

Segundo Veiga-Neto (2012, p. 270),

uma metáfora é uma construção linguística na qual uma palavra ou frase, que comumente designa uma coisa ou um estado de coisas, é deslocada para ser usada na designação de outra coisa ou outro estado de coisas, estabelecendo uma comparação implícita entre ambas, entre ambos os lados.
Vamos lembrar que as metáforas têm ‘alcances e limitações’.

Como alcance, Veiga-Neto registra a “dupla-dimensão” da metáfora pois “ela é, ao mesmo tempo, poética e política” (p. 270). Isso significa, como ele explica, que “as metáforas jamais são neutras: ao transportar o sentido de um lado para outro, uma metáfora empresta ao lado mais fraco, mesmo que provisoriamente, a força simbólica contida no lado mais forte”. Como limitações das metáforas, Veiga-Neto nos lembra de que elas são representações e, como tal, seus significados e sentidos nunca são estáveis e únicos...

Usar ‘escadas’, ‘janelas e tijolos’, e ‘sombras’ como metáforas serve para atender minha compreensão de que as culturas e práticas do cotidiano são, para mim, como as metáforas: ao mesmo tempo “poéticas e políticas”.

Vamos imaginar que a escada é uma forma de acessar, ou seja, uma maneira de tornar viável um tipo de fazer, seja prático ou reflexi-

vo. Uma primeira provocação desta metáfora é refletir sobre em que posição na escada eu me coloco. Listo algumas opções.

(Podemos subir e descer várias vezes, em ritmos diferentes, mudar a escada de posição, movimentar-nos de degrau em degrau, passar do primeiro para o terceiro degrau, saltar do último para o chão... parar no meio da escada, permanecer mais tempo num degrau ou noutro... subir com um pé só, subir com os dois pés a um só tempo...)

Isso sem falar que a escada é móvel, pode ser mudada de lugar. Esta brincadeira é séria. Aprender e ensinar não são ciências exatas, portanto, a vertente lúdica é poderosa aliada para pensar quem somos, como nos posicionamos e que maneiras de sentir, pensar e agir orientam nossos movimentos nos degraus de uma escada, ou, nas fases de um processo de aprender...pesquisar...ensinar...

Se focarmos somente a escada como, por exemplo, numa sequência de ações que imaginamos seguir, perdemos de vista outras partes do ambiente - da imagem – podendo ganhar em relação à percepção da escada e seus degraus. Em relação às culturas e práticas do cotidiano, a metáfora da escada nos ajuda a pensar sobre a responsabilidade de refletir sobre a convivência de identidades e subjetividades que estão em jogo na docência e que habitam, transformam e impulsionam ações nas salas de aula.

É necessário lembrar que o campo de atuação do/a professor/a tornou-se, hoje, muito mais vasto e expandido do que a capacidade dos conceitos de ‘práticas’ e de ‘metodologia’ podem abranger. Novamente, o brincar com conceitos, ideias e práticas, ativa nossa imaginação e nos estimula a criar alternativas, possibilidades de ‘realidades’ com as quais não estamos acostumados a conviver, ou são imprevistas, impensadas.

Além de sugerir um meio de realizar uma prática docente e,

também, um direcionamento, podemos construir outras relações entre culturas, práticas, metodologia e escada. Ao falar da provocação em termos de como nos situamos diante de uma escada, temos embutido um desejo que carregamos como docentes: o desejo de fazer bem, de fazer bem feito, de fazer melhor. Assim como culturas e práticas são indissociáveis, docência e metodologia também o são. O artista Do-Ho Suh, em 2009 (Figura 2), criou este trabalho que encobre, sem apagar, uma escada que é o ponto ventral da obra. A utilidade dela, podemos pensar, é nos levar a refletir sobre as diversas camadas de sensações e impressões que a docência vai construindo ao mesmo tempo em que nos descobrimos.



Figura 2.
Fonte: <http://www.slideshare.net/ayekel/do-ho-suh>

Outro ponto em que a metáfora da escada contribui para a reflexão sobre culturas e práticas diz respeito a quem é este sujeito que ensina e por que faz as escolhas que faz – conceituais, metodológicas, avaliativas. Penso em ‘quem é esse sujeito’, ou melhor, em como somos ou queremos ser representados enquanto docentes, para enfatizar duas coisas. Uma é a condição mutante, vulnerável, lábil, que configura nossa identidade e posições de sujeito. Um passo fundamental nas escolhas metodológicas, diz respeito a reconhecer e refletir sobre as mudanças que nós próprios vivemos, as pressões que sofremos e as expectativas que projetamos como profissionais.

As maneiras como nos colocamos diante de um tema dizem para além do que somos: dizem, também, sobre os vazios, expectativas e projetos que nos constituem nas práticas cotidianas. Dizem, ainda, sobre os vácuos que precisamos criar e, talvez, manter ou preencher (Figura 3).



Figura 3.
A foto à esquerda, disponível em: <http://www.mdig.com.br/?itemid=25829> A foto à direita, disponível em: <https://www.dreamstime.com/stock-photos-wood-stairs-image3820623>

Quando Foucault (2004, p. 295) afirma que “o papel de um intelectual é mudar alguma coisa no pensamento das pessoas”, a escada mostra um de seus alcances como metáfora, pois sua mobilidade, na medida em que podemos muda-la de lugar e que ela pode mudar de direção, de inclinação, de tamanho, de suporte, nos ajuda a pensar sobre a importância da mudança – a nossa, em primeiro lugar - como uma mudança de olhar, de ângulo de visão, de perspectiva. Uma mudança que reforce uma persistente determinação para duvidar do que vemos, ouvimos, sentimos e pensamos.

Outra ênfase relacionada às questões de subjetividade e identidade docente que esta metáfora permite tem a ver com as experiências das quais participamos, de como reagimos a elas, que impactos elas produzem em nós, que memórias guardamos, como elas são recriadas e quais optamos por compartilhar.

As experiências também nos fazem perceber as nuances e diferenças entre cada um de nós, nossos colegas e ambientes. Como dito anteriormente, a junção – culturas e práticas, docência e metodologia – pode nos lembrar que um ensino efetivo requer uma amplitude substancial de experiência profissional, um leque de experimentações de abordagens metodológicas e, especialmente, a paciência e persistência para transformar pequenos eventos, inesperados, em poderosos impulsos benéficos para a aprendizagem – mesmo que sempre transitórios.

Como nos diz Torras (2007, p. 23) “um corpo não pode comportar-se de qualquer maneira em qualquer contexto: cada encruzilhada sociocultural atualiza determinados corpos”. Cada prática cotidiana exige e sinaliza performances corporais e corporalidades que, como professores, aprendemos a nos adequar ou somos impulsionados a criar, a improvisar..., em face às demandas dos ambientes e papéis que vão nos deslocando (Figura 4).



Figura 4 Foto à esquerda: Marcus Almeida, disponível em: <http://www.panoramio.com/photo/15840911> . A foto à direita, disponível em: <http://www.fotosearch.com/CSP057/k0574273/>

A experiência é algo que nos faz e algo que queremos que aconteça na escola. Mais que isso, queremos que a arte e as imagens ofereçam, provoquem, configurem experiências. Queremos capacidade e habilidade docente que nos ajudem a encontrar maneiras diversificadas para lidar com um mesmo foco, modos alternativos de proceder que estimulem experiências estético-artísticas e culturais que impactem, atraiam e operem mudanças nos modos como aprendemos, como vemos o mundo e os sujeitos com os quais nos envolvemos.

Entendo, com Sewell (apud Nóvoa, 2003, p. 65), que o “conceito de experiência não se refere apenas a um simples ‘viver os acontecimentos’ mas também abarca a forma na qual as pessoas construíram os acontecimentos no tempo em que os viviam”. Pensando desta forma, a professora às vezes se instala, ocupa um espaço, mas permanentemente corre o risco de enrijecer-se, de petrificar-se, de acreditar que têm ‘a’ fórmula, que sabe lidar com qualquer situação docente ou qualquer grupo de alunos.

Penso que a paciência, hoje em dia, na correria que nos arrasta entre um projeto e outro, nos empurra entre uma ‘boa dica’ metodológica e

um ‘recurso infalível’ para ensinar, é uma forma estratégica de resistência radical – a de ser paciente consigo mesmo e com os outros, disposto a viver a experiência de buscar temas, vivenciá-los e experimentar maneiras de abordá-los.

As escadas às vezes são instaladas, ocupam grandes espaços, e se tornam parte da história. Esta, por exemplo, é uma escadaria situada num bairro boêmio de Paris que reunia, na segunda metade do século XIX, artistas como Degas, Cezanne, Monet, Renoir, etc. É a escadaria que leva à Basílica do Sagrado Coração, em Montmartre e que foi palco de um clima libertário da época (Figura 5)



Figura 5

Fonte: <http://mol-tagge.blogspot.com.br/2011/05/fotografia-noturna-fotografia-after.html#!/2011/05/fotografia-noturna-fotografia-after.html>

Porém, as escadas, antigas ou pós-modernas, continuam nos dando possibilidades de subir, descer, parar, saltar, sentar, esperar, observar. Se a metáfora da escada nos leva a pensar em subjetividades, identidades e experiência, também estão falando de história, ou histórias, para ser mais precisa.

Falo, neste caso, da história da profissão, da história docente, e, também, da história dos métodos que predominaram e se tornaram hegemônicos no fazer docente. Ter consciência da história que nos construiu é fator decisivo para compreendermos o que estamos fazendo – ou aspirando fazer – nos dias de hoje. Segundo Nóvoa (2003b, p. 26), os professores “são o alvo mais fácil a abater” pelos mais diferentes discursos da profissionalização. Ele conta que

No passado, [os/as professores] construíram uma imagem social respeitada: eles detinham as chaves da mobilidade social e o prestígio do saber. Hoje, há meios mais eficazes de promoção na sociedade, e o saber (ou, ao menos, a informação) expandiu-se um pouco por toda a parte. Os professores ressentiram-se dessa dupla perda e têm dificuldade em reconstruir uma nova identidade profissional.



Figura 6

Fonte: http://www.premiopipa.com/wp-content/uploads/2010/06/ANNA-PAOLA_0001_01.gif

O trabalho de Anna Paola Protássio (2011 – Figura 6) pode nos levar a refletir sobre estes múltiplos caminhos de entrada que significou a expansão do saber por toda parte, como Nóvoa analisa. Nossa história, especificamente a história da docência em arte, mostrou um trajeto de passagem de uma cultura de memória e instrução – cópia, modelos, ornatos, etc. – para uma cultura de descoberta e invenção.

Esta passagem teve, e tem, profundas implicações, sendo uma delas a tensão entre autoridade e experiência. Aos poucos, foi-se acalorando uma discussão que confrontava não só a escola como lugar privilegiado do saber, mas, ainda, o/a professor/a como ‘dono’ da verdade, responsável pela ‘transmissão’ do conhecimento.

Nos demos conta de que estética e criatividade são tão importantes quanto conhecimento técnico no mundo contemporâneo ao mesmo tempo globalizado e localizado. Esta questão que confrontamos, o global e o local, nos chama a refletir sobre a ideia, ainda oriunda da Europa, de que devemos sempre “pretender ser globais”.

Para Pérez-Oramas (2012, p.28), “seria importante *aprender a ser locais*, a estar situados: a reivindicar um lugar no mundo, *a pensar a partir de um lugar*” [grifo meu]. Isso porque, diz ele, “pensar a partir de todos os lugares [é uma] falácia como poucas que nos conduz à ilusão de crer que vencemos para sempre as distâncias, as diferenças e os tempos”.

Tem razão Moacir dos Anjos (2005, p. 60) ao discutir a relação global/local mostrando que há, aqui, “um rompimento da associação imediata entre lugar, identidade e cultura”. Para ele, vivemos “um ambiente cultural complexo e diversificado, instituidor de uma nova, conflituosa e ampliada cartografia da produção e circulação simbólicas”.

Um dos limites desta metáfora criada com escadas é pensar que elas podem ser substituídas por outros objetos que nos ajudem a elevar-

nos do chão, sem nos impedir de voltar e re-encontrar novamente o espaço que ocupávamos para rever onde pisamos, por que escolhemos aqueles movimentos e direções, como nos reposicionamos diante das mudanças que afetaram a área. Assim estaríamos ampliando significados para os cotidianos e suas práticas, ou pensando em como transforma-los.

EXPANDINDO SIGNIFICADOS: TIJOLOS E JANELAS

No trabalho de Leandro Erlich, a janela é circundada por tijolos que desenham contornos irregulares e não eliminam a sensação de suspensão de ambos, janela e tijolos. Sua imagem nos faz pensar e também nos permite brincar. Sugere, ao mesmo tempo, luta e resgate, condensação e dissolução (Figura 7).



Figura 7

Pensando primeiro nos tijolos, projeto alguns significados que eles podem adquirir no contexto deste tema. Começo por uma questão de grave importância, algo que se instala como uma necessidade: ver/ouvir as diferenças – dos ambientes, dos sujeitos, da comunicação, da convivência.

Espera-se que nós, professores, nos confrontemos com crianças, adolescentes, jovens, adultos e idosos, os chamados ‘normais’ ou com ‘necessidades especiais’ tendo sido formados sem que essas especificidades fossem levadas em consideração... Então, pergunto: Práticas para quem? Que cotidianos? Que saberes contribuiriam para orientar um trabalho com crianças? Que diferenças caracterizariam as práticas de trabalho voltadas para jovens pré-adolescentes ou para adultos que vivem cotidianos de necessidades especiais?

Estas diferenças, que se somam às diferenças dos diversos ambientes escolares, fragilizam, ao mesmo tempo em que desafiam, nossas capacidades de planejar e imaginar possíveis práticas para e com nossos alunos. Precisamos de mais informações e pesquisa sobre demandas de ensino em cada uma dessas fases e âmbitos e que efeitos elas podem gerar. Mas não podemos esquecer que experiências riquíssimas são desenvolvidas com grupos de alunos de idades e condições diferenciadas, misturados num mesmo projeto, sem a armadura da seriação que adotamos, muitas vezes sem questionar.

Ver/ouvir diferenças significa não apenas entender que há muitos tipos de tijolos, como reconhecer que podemos fazer coisas diferentes com eles (Figura 8). Assim é também em relação às práticas e cotidianos, e às pessoas com as quais atuamos. Toda prática é uma construção que busca mediar e ampliar saberes e fazeres dos grupos nas escolas. Toda prática deveria servir para diminuir – estrangular – nossos preconceitos.



Figura 8

Fonte: <http://cyavzla.blogspot.com.br/2015/07/el-mortero.html>

Entendo que educar/aprender, é, em seu âmago, desapegar-se de preconceitos. Entretanto, há aprendizagens não quantificáveis que buscamos atingir quando interagimos com arte e com imagens: observar, imaginar, inovar, refletir. Estas seriam, talvez, as capacidades que resultariam de uma orientação prática aberta e que vise ser bem sucedida. Tais capacidades talvez nos estimulem a mais implicação e menos explicação, mais exemplos e menos respostas.

Parafraseando Jones (apud BHABHA, 2012, p.21), poderíamos dizer que “necessárias em nosso mundo presente, as práticas também são necessárias para questionar sua própria necessidade”. Este questionamento, que coloca em cheque a necessidade de certas práticas, ressalta os contornos incertos que os tijolos podem criar, compreendendo aqui, cada tijolo como um micro episódio que marca as interações entre professores, alunos, arte e imagem. .



Figura 9

Fonte: http://i.dailymail.co.uk/i/pix/2011/01/11/article-1346117-0CB80F2A000005DC-310_634x327.jpg
<https://s-media-cache-ak0.pinimg.com/736x/6c/5f/e1/6c5fe1b74168907b8b1bea066b0287aa.jpg>

O homem-tijolo e o carro-tijolo (Figura 9) surpreendem não apenas pelo uso e formas que apresentam, mas pelos diferentes temas que podem suscitar: deslocamentos, precariedade, perícia, trânsito, congestionamento, aprisionamento... A busca por imagens e temas que revelem os cotidianos dos sujeitos, que coloquem os alunos como protagonistas de processos de compreensão e criação são nossos maiores desafios. Enfrentar este desafio é buscar abordagens práticas que visem associar vínculos obscurecidos que a arte e as imagens oferecem, escutando sensivelmente as vozes dos processos através dos quais nos relacionamos com estes artefatos. Enfrentar o desafio de reunir cotidiano, sujeitos e seus processos de aprendizagem significa, ainda, construir práticas que nos ajudem a lidar com as armadilhas

do mundo, principalmente aquelas que podem nos surpreender.

Sabemos que, como professores, construímos com/sobre/através do conhecimento que os estudantes trazem para a situação de aprendizagem. Um dos nossos papéis é ajudar alunos e alunas a desenvolver uma compreensão sobre importantes conceitos e temas que a arte e as imagens sugerem, aludem e provocam. Fazer, neste sentido, é também construir teorizações, ou seja, teoria em ato, como nos fala Veiga-Neto. Compreendo que nossas opções práticas e a necessidade de questioná-las inclui considerar a capacidade humana de improvisar, de contribuir para que nós e os alunos possamos ser criativos, apreciando interpretações múltiplas, que nem sempre são novas, mas que podem ser revistas sob um novo olhar.



Figura 10

Fonte: http://www.humorbabaca.com/upload/fotos/fotos_833_Mulher%20Tijolo.

Os tijolos, então, nos falam de construções cotidianas, inusitadas e/ou sedutoras (Figura 10) de contornos cambiantes, de imagens inesperadas que podem fazer cintilar, expandir os limites de onde e para onde queremos olhar.

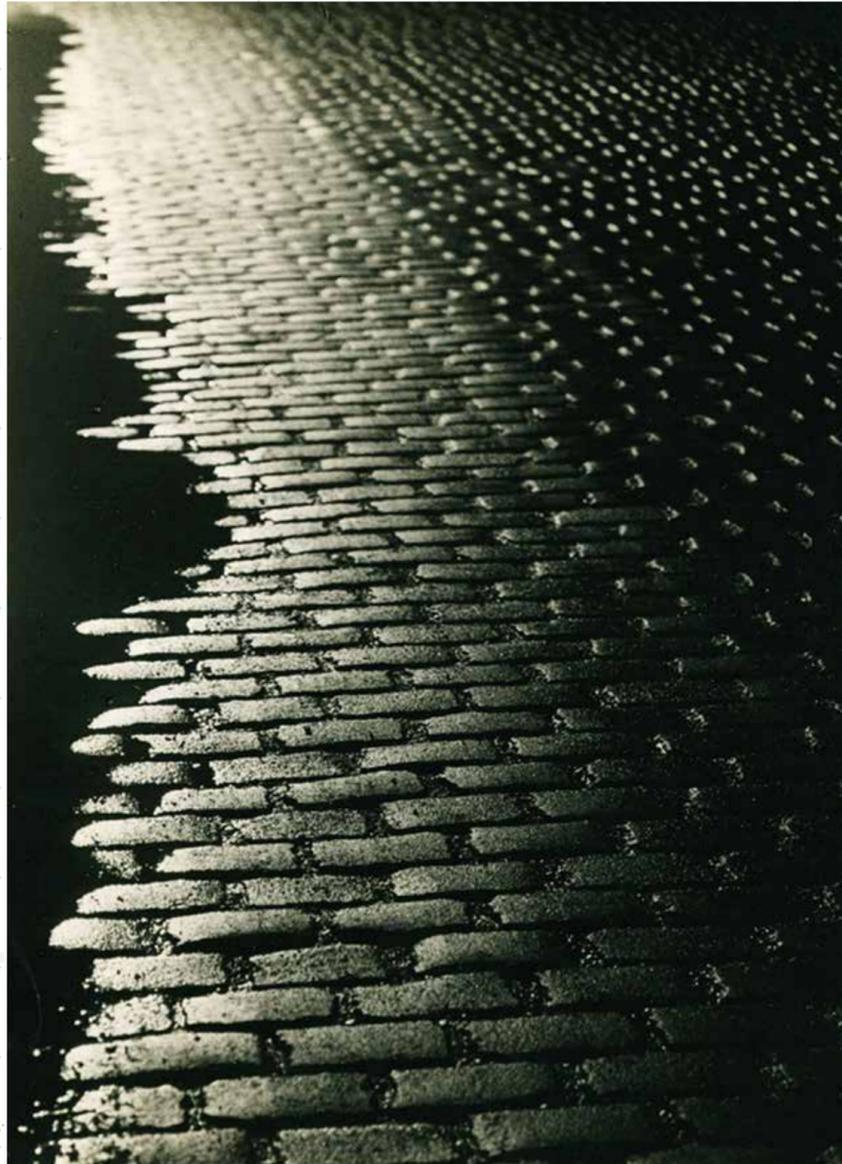


Figura 11
<http://mol-tagge.blogspot.com.br/2011/05/fotografia-noturna-fotografia-after.html#!/2011/05/fotografia-noturna-fotografia-after.html>

Nesta imagem (Figura 11), o movimento de ver, da esquerda para a direita, mostra desde o escuro, o líquido, o impensado e a mancha que projeta um apagamento, até pontos que brilham como faíscas quase que nos libertando do padrão e da textura que domina o desenho dos tijolos.

Talvez, grande parte da nossa vida docente seja construída com base nesses padrões que aprendemos a modelar: práticas adquiridas, seja através de exemplos de professores que admiramos ou daqueles aos quais queremos resistir, seja através das maneiras como mais facilmente nos aproximamos daquilo que queremos aprender. Porém, seria angustiante se nesse desassossego diário da docência, não encontrássemos lugar para liquefazer tijolos ou transformá-los em faíscas que brilham detonando ousadias pedagógicas, experimentações inconclusivas, poéticas por fazer.

JANELAS QUE OLHAM E PODEM NOS VER

É lugar comum dizer que janelas são múltiplas, diferenciadas, que criam cenas diversificadas e marcam épocas e histórias diferentes. Nós, das artes visuais, ouvimos sempre que as imagens são as janelas da alma e as palavras são apenas os pensamentos que as acompanham... Que outras ideias podem ser pensadas a partir da janela?

Uma delas é reconhecer que a vida não é só o que olhamos lá fora, através da janela. De fora, também posso ver/imaginar o que se passa dentro. Nesse sentido, a janela pode nos falar das relações interior-exterior, dentro-fora, que caracterizaria o que Hall (2001, p. 39) configura como 'nossa falta de inteireza'. Segundo ele "a identidade surge não tanto da plenitude da identidade que já está dentro de nós como indivíduos, mas de uma

falta de inteireza que é “preenchida” a partir de nosso exterior, pelas formas através das quais nós imaginamos ser vistos por outros” (Hall, 2001, p.39).

As janelas trazem para nossas reflexões sobre práticas e cotidianos, a necessidade de instaurarmos relações entre o dentro e o fora, entre o individual e o coletivo para que nossas identidades possam ser elásticas, redefinidas para ganhar sentidos nas experiências que propomos ou abraçamos. O artista Alex



Figura 12a e 12b

Fonte: <http://www.junk-culture.com/2012/07/alex-chinneck-art-of-destruction.html>

Chinneck (Figura 12a) em sua obra “Falando a verdade através de um dente falso”, quebrou, de forma igual, todos os vidros de um prédio em Londres.

Sua ação provoca nosso olhar para apreender o ritmo de uma cadência regular de fragmentos rompidos que perturbam nossa imaginação pela beleza do encontro entre marcas de ausência e a infinitude do azul intenso, carregado. Na outra imagem (Figura 12b), as fraturas do vidro nos colocam para além da janela, nos permitem descobrir desenhos nos pedaços quebrados, um apagamento de visões onde parece não haver mais resquício de vidro, além de insinuar um objeto (painel?, porta?, biombo?) indecifrável que aparece como resultado do desaparecimento da janela como pensaríamos que existisse. Assim, o “olho não é mais entendido como a janela da alma, como dizia Descartes, mas é uma guloseima canibal que (...) pode ser reconhecida no rosto de um matador ensanguentado ou no olho que se revira durante o sexo de uma heroína de romance pornográfico” (GREINER, 2005, p. 79).

Cabe lembrar aqui que aprender, muitas vezes, significa sofrimento, isolamento, um esforço para largar a experiência concreta, vivida e lidar com uma visão abstrata, distanciada do mundo da vida. A gente estuda, experimenta, pensa, reflete, brinca e vai encontrando maneiras de abordar certos temas, com diferentes turmas, em contextos específicos, cientes de que conflitos e enfrentamentos sempre estarão presentes.

As práticas-janelas consideram abordagens que possam estimular os alunos nos seus encontros com as artes visuais e as imagens, levando em conta o que professores e alunos entendem como um ensino que possa ser atraente para ambos. Algumas abordagens, como as narrativas visuais, os diários de campo, as

histórias de vida ou as autobiografias visuais tem sido propostas e realizadas com alto grau de envolvimento de alunos e professores, fazendo a inserção da pesquisa como aliada da docência e da aprendizagem. Questões temáticas também representam uma espécie de trilha que pode nos ajudar a estimular os alunos à pesquisa – de conceitos e imagens – e à criação, abrindo possibilidades de fazer experiências que alarguem visões de mundo, instaurando a dúvida, a transgressão e a curiosidade.

Imagino que muitos de nós já tenha trabalhado com temas e abordagens curiosas, frutíferas, provocadoras. Mas o importante aqui não é a novidade, o ineditismo; o importante é diversificar a forma de abordar, ou seja, ser inventivo pragmaticamente falando. Nem tudo que fazemos é um sucesso, nem podemos sofrer a síndrome dos 100% que significa achar que todos os alunos estarão igualmente atentos e motivados para as questões que levamos ou que surgem nas aulas para serem trabalhadas. Poder trabalhar um mesmo tema, um mesmo conceito ou ideia de várias maneiras é um aprendizado que deveríamos tomar como um dos principais nas nossas trajetórias como professoras.

**SOMBRAS: BUSCANDO DAR RELEVO ÀS
CONDIÇÕES DE POSSIBILIDADE QUE AS CULTURAS
E PRÁTICAS NOS LEVAM A AGIR...**

Saio das janelas para me encontrar com as sombras e finalizar este texto. Para inspirar-nos, vamos ver algumas delas, pertencentes ou não ao chamado 'mundo da arte' (Figuras 13, 14, 15 e 16).



Figura 13



Figura 14
 Fonte: http://www.thisismarvelous.com/wp-content/uploads/2015/08/Tim_Noble_Sue_Webster_shadow_sculpture_21-normal.jpg



Figura 16
 Fonte: http://pessoaf.blogspot.com.br/2007_09_01_archive.html



Figura 15
 Fonte: www.planobeta.com/.../fazendo-sombras-com-as-maos/ . A imagen está disponível em: http://portaldoprofessor.mec.gov.br/fichaTecnicaAula.html?pagina=espaco%2Fvisualizar_aula&aula=7833&secao=espaco&request_locale=es

Estas figuras mostram que as sombras podem delimitar zonas de reprodução, intensificando os grafismos de um determinado elemento, podem gerar desconforto, surpresa e ilusão, trazendo à tona, repentinamente, coisas que parecem impalpáveis, inesperadas, cheias de possibilidades de movimento, riso, inquietações.

As sombras também podem revelar coisas que são incômodas para tratar assim ao final de um trabalho, mas, pensando em capacidade, autonomia e criatividade prática, é irresponsável não dizer que o investimento na educação, na formação inicial e continuada de professores é uma das graves questões que têm ficado à sombra das políticas públicas na área de ensino de arte, situação que a crise econômica só aprofunda.

Esta sombra político-institucional-pedagógica coloca um embaite entre status e significado das disciplinas, como analisa Goodson (2005, p. 168). Para ele, as disciplinas que tem maior significado nas escolas – e as artes e as tecnologias estão entre elas – são as que tem menor status acadêmico, exatamente porque estas disciplinas são inclusivas, oportunizam fazeres imprevistos e permitem que a liberdade expressiva de todos possa ser ampliada. São disciplinas que tem o poder de romper com discriminações, de antever práticas criativas além de cotidianos menos rotulados e regularizados.

Pensando nestas ofertas que as sombras enriquecem o pensar/ agir na docência, quero concluir usando um trecho de Homi Bhabha, tirado do catálogo da trigésima Bienal de São Paulo. Ele dá às sombras um significado especial para esta metaforização que construí. Segundo ele:

Trabalhamos forçosamente nas linhas de sombra entre nossas construções urgentes, projetivas, de um modo mais justo, e nossos apegos ansiosos, teimosos, ao mundo parcial, tenso, de imperfeições existenciais que pertence à arte como a conhecemos e à história como a vivemos – em parte brutas, em parte belas”. (BHABHA, 2012, p. 24)

Meu desejo é que as escadas, tijolos, janelas e sombras possam nos inspirar e conduzir a práticas e cotidianos pedagogicamente impertinentes, atrelados a zonas de liberdade ousadas e, sempre, eticamente íntegras!

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ANJOS, M. Local/Global: **arte em trânsito**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2005.
- BHABHA, H. K. **Arte e eminência**. In: A eminência das poéticas. Catálogo da 30ª Bienal de São Paulo. Fundação Bienal: 2010, p. 20-24.
- FOCAULT, M. **Verdade, poder e si mesmo**. In: Ditos e Escritos: ética, sexualidade e política. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2004, p. 294-300.
- GOODSON, I. **Learning, curriculum and life politics**. London: Routledge, 2005.
- GREINER, Christine. **O corpo: pistas para estudos indisciplinados**. São Paulo: Annablume, 2005.01
- HALL, S. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Tradução: Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.
- NÓVOA, A. **“Textos, imágenes e recuerdos. Escritura de ‘nuevas’ historias de la educación”**. In: Historia Cultural y Educación –Ensayos críticos sobre conocimiento y escolarización. Thomas Popkewitz, Barry Franklin, Miguel Pereyra (compiladores). Barcelona: Ediciones Pomares, 2003, p. 61-84.
- NÓVOA, A. **Entrevista**. Pátio, Porto Alegre, n.27, p.25-28, ago./out. 2003b.
- PERÉZ-ORAMAS, L. **A eminência das poéticas (ensaio polifônico a três e mais vozes)** In: A eminência das poéticas. Catálogo da 30ª Bienal de São Paulo. Fundação Bienal: 2010, p. 26-50.
- TORRAS, Meri. **El delito del cuerpo**. De la evidencia del cuerpo al cuerpo en evidencia. In: Torras, M. (ed): *Cuerpo e identidad. Estudios de género y sexualidade*. Barcelona, Edicions UAB, 2012.
- VEIGA-NETO, A. **É preciso ir aos porões**. Revista Brasileira de Educação, v. 17, n.50, maio-ago, 2012, p.267-283

REFERÊNCIAS DIGITAIS IMAGENS:

Figura 2. Fonte: <http://www.slideshare.net/ayeakel/do-ho-suh>

Figura 3 A foto à esquerda, disponível em: <<http://www.mdig.com.br/?itemid=25829>> A foto à direita, disponível em: <<https://www.dreamstime.com/stock-photos-wood-stairs-image3820623>> acesso em julho, 2015

Figura 4 Foto à esquerda: Marcus Almeida, disponível em: <<http://www.panoramio.com/photo/15840911>> A foto à direita, disponível em: <<http://www.fotosearch.com/CSP057/k0574273/>> acesso em julho, 2015

Figura 5 <<http://mol-tagge.blogspot.com.br/2011/05/fotografia-noturna-fotografia-after.html#!/2011/05/fotografia-noturna-fotografia-after.html>> acesso em julho, 2015

Figura 6 <http://www.premiopipa.com/wp-content/uploads/2010/06/ANNA-PAOLA_0001_01.gif> acesso em julho, 2015

Figura 8 <<http://cyavzla.blogspot.com.br/2015/07/el-mortero.html>> acesso em julho, 2015

Figura 9 <http://i.dailymail.co.uk/i/pix/2011/01/11/article-1346117-oCB80F2A000005DC-310_634x327.jpg> e <<https://s-media-cache-ak0.pinimg.com/736x/6c/5f/e1/6c5fe1b74168907b8b1bea066b0287aa.jpg>> acesso em julho, 2015

Figura 10 <http://www.humorbabaca.com/upload/fotos/fotos_833_Mulher%20Tijolo>. acesso em julho, 2015

Figura 11 <<http://mol-tagge.blogspot.com.br/2011/05/fotografia-noturna-fotografia-after.html#!/2011/05/fotografia-noturna-fotografia-after.html>> acesso em julho, 2015

Figura 12a e 12b <<http://www.junk-culture.com/2012/07/alex-chinneck-art-of-destruction.html>> acesso em julho, 2015

Figura 14 <http://www.thisismarvelous.com/wp-content/uploads/2015/08/Tim_Noble_Sue_Webster_shadow_sculpture_21-normal.jpg> acesso em julho, 2015

Figura 15 Foto: www.planobeta.com/.../fazendo-sombras-com-as-maos/ . A imagen está disponível em: <http://portaldoprofessor.mec.gov.br/fichaTecnicaAula.html?pagina=espaco%2Fvisualizar_aula&aula=7833&secao=espaco&request_locale=es> acesso em julho, 2015

Figura 16 Imagem disponível em: <http://pessoaf.blogspot.com.br/2007_09_01_archive.html> acesso em julho, 2015